

ANÁLISE DO GRAU DE FUNCIONALIDADE DO TRABALHO COM OS GÊNEROS TEXTUAIS EM MANUAIS DIDÁTICOS DE 1ª A 4ª SÉRIE*

Julienne de Almeida Oliveira**

Sueli Maria Coelho***

Resumo

A construção de conhecimentos inerentes à leitura, à compreensão e à produção de textos requer dos falantes o desenvolvimento de certas habilidades e a construção de sua competência linguística. As obras de referência para o professor sinalizam que essa proficiência linguística advém de um trabalho efetivo e sistematizado com os gêneros textuais, tema que este artigo se propõe a analisar e a discutir. A partir de um coitejo em três obras didáticas do ensino fundamental, analisou-se o trabalho dispensado aos gêneros textuais, verificando a sua adequação para a formação de um leitor proficiente e, conseqüentemente, de um produtor de textos eficaz. Os dados coletados demonstraram que as obras didáticas, em sua maioria, utilizam o gênero textual como um pretexto para o trabalho com a língua, não explorando as suas características, tampouco sua funcionalidade, aspectos essenciais para a proficiência na leitura e na escrita.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Livro didático. Ensino.

Considerações iniciais

Vivemos em uma sociedade letrada e nela a leitura e a produção de textos têm um papel preponderante, já que essas práticas habilitam o indivíduo para o exercício de sua cidadania. Nesse contexto, cabe à instituição escolar o papel de preparar o aluno para o uso efetivo da linguagem, principalmente em situações que transcendem a esfera acadêmica. É imprescindível, pois, habilitar o aluno também para a leitura e a produção dos textos que circulam socialmente e não apenas para aqueles que pertencem única e exclusivamente ao universo escolar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), a unidade de ensino da língua deve ser o texto e o trabalho de análise e de reflexão sobre a língua deve ser pautado pelos gêneros textuais, já que são eles que darão forma aos textos. Na concepção dos autores do documento ora referenciado, o trabalho com a leitura é fundamental, pois tem uma dupla função, qual seja:

* A pesquisa cujos dados são relatados e analisados neste artigo foi financiada pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), sob a forma de concessão de bolsa de iniciação científica dentro do VIII Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC)

** Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas e supervisora da Escola Estadual Amadeu Gonçalves Boaventura, na cidade de Carmo do Paranaíba – MG. julienedealmeida@yahoo.com.br

*** Dra. em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Professora adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e orientadora da pesquisa. sucoelho@ichs.ufop.br

a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. (p. 53)

As referências modelizadoras a que aludem os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) – doravante PCNs – incluem também as características definidoras dos gêneros, a saber: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Assim, espera-se que, ao interagir, por meio da prática da leitura, com a diversidade de gêneros, explorando suas características, bem como os fins a que se prestam, o aluno incorpore os aspectos estruturais e discursivos dos diversos gêneros, tornando-se, dessa feita, apto a produzi-los, quando solicitado. Nessa perspectiva, cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinando-o a interpretá-los e a produzi-los.

Em virtude da massiva disseminação dessas ideias, o que se observa, nos manuais didáticos editados após 1997, ano de publicação dos PCNs, é uma pródiga diversidade de gêneros textuais; entretanto, tais gêneros parecem apenas figurar nos livros como pano de fundo, constituindo um pretexto para o trabalho com outros conteúdos. As questões propostas pelos autores desses manuais para o estudo dos textos não contemplam as características do gênero em foco, de modo a construir uma referência modelizadora, tampouco exploram a sua função social. Marcuschi (2002) já alertara para o fato de que os gêneros textuais foram incorporados figurativamente aos manuais didáticos, não sendo, contudo, explorados em favor da proficiência linguística e não cumprindo, dessa forma, a função a que se propõem no ensino da língua.

Frente a tal impasse, esta pesquisa tomou como objeto de investigação a forma como os manuais didáticos de primeira a quarta série exploram os gêneros textuais, buscando responder à seguinte questão-problema: os livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental apoiam o trabalho com a língua portuguesa nos

gêneros textuais, explorando suas características e funcionalidade, ou estes são meros pretextos para a exploração de outros conteúdos, como leitura, produção de textos e reflexão sobre a língua? Como já ventilado, partiu-se da hipótese de que a diversidade de gêneros textuais, após a publicação dos PCNs, foi incorporada aos manuais didáticos, mas tais gêneros não são explorados adequadamente, o que acaba por não contribuir para a formação do cidadão linguisticamente proficiente.

O estudo empreendido teve, pois, como objetivo geral averiguar se os livros didáticos de primeira a quarta série do ensino fundamental pautam o trabalho com a língua portuguesa na diversidade textual, explorando as características e as funcionalidades dos gêneros nos quais os textos se materializam. Os objetivos específicos restringiram-se, principalmente, (a) a mapear a diversidade textual presente nos manuais didáticos; (b) a verificar se os gêneros textuais explorados pelo livro didático são aqueles que circulam fora da escola ou se tal manual limita-se aos gêneros meramente escolares; e (c) a analisar o tratamento dispensado ao gênero textual, verificando se este não é tomado apenas como pretexto para a exploração de aspectos gramaticais ou mesmo de outros conteúdos, como leitura e produção oral e escrita.

A justificativa para o empreendimento de um estudo dessa envergadura reside prioritariamente na possibilidade de melhoria da qualidade do ensino. Acredita-se que os resultados advindos da pesquisa aqui empenhada possam contribuir sobremaneira para a melhoria do ensino de língua portuguesa. Frente à confirmação da hipótese aqui aventada, poder-se-á alertar o professor quanto ao cuidado que este deve ter não apenas para selecionar o material didático com o qual irá trabalhar, mas também para explorar a diversidade textual que os livros didáticos colocam à sua disposição. Faz-se mister alertar o docente para o fato de que a mera exploração das atividades propostas pelos autores de livros didáticos, ao contrário do que muitos acreditam, não se mostra eficaz para a formação de

um cidadão linguisticamente competente. A despeito de não ser essa a intenção daqueles que trabalham nas séries iniciais do ensino fundamental, a escola tem se limitado a alfabetizar, quando deveria letrar o aluno. Isso se deve, em grande parte, ao despreparo do professor das séries iniciais do ensino fundamental para entender as questões de cunho linguístico que permeiam e que subsidiam os documentos oficiais, o que dificulta a sua aplicação prática. Diante dessa dificuldade, muitos docentes acreditam que os materiais didáticos com promessas inovadoras constituem uma solução para o impasse pedagógico que enfrentam e adotam-nos sem quaisquer restrições.

1. GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Apesar de a discussão a respeito do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula ser, relativamente atual, o conceito é longo. Foi com Bakhtin, na década de 50, que se iniciou a reflexão acerca dos “gêneros do discurso”. Segundo esse teórico, “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros de discurso.” (BAKHTIN, 1997, p. 279)

De acordo com Bakhtin, todas as esferas da atividade humana utilizam a língua para elaborar seus enunciados de acordo com as suas necessidades, o que faz com que os gêneros sejam determinados historicamente. Nessa mesma linha, Meurer e Motta-Roth (2002, p. 90) mostram-se conscientes de que “a interação humana recorrente em um dado tempo e espaço se constitui como gênero”. Assim, as pessoas interagem à medida que a linguagem é materializada em algum gênero de texto oral ou escrito. De acordo com os autores citados, gênero textual “é um tipo específico de qualquer natureza, literária ou não, oral ou escrita, caracterizado e reconhecido por função específica e organização retórica mais ou menos típica, e pelo(s) contexto(s)

onde é utilizado”. (Ibid, p. 18). Tal conceito ecoa com a noção de gênero proposta pelos PCNs¹: “‘famílias’ de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.” (BRASIL/MEC, 1997, p. 26)

Há de se advertir o leitor, no âmbito desta seção, quanto a uma confusão terminológica que circunda o objeto de estudo desta pesquisa, o que, segundo Marcuschi (2002), pode trazer impropriedades para o ensino. Trata-se da distinção entre *gênero e tipo textual*, que, embora seja muitas vezes neutralizada, empregando-se um termo como sinônimo do outro, deve ser considerada pelo docente para evitar limitações de habilidades, já que uma noção é muito mais ampla que outra. Para Marcuschi, tipo textual é uma expressão que deve ser empregada apenas para “designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (Ibid, p. 22), não constituindo, dessa forma, textos empíricos, mas “constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas.” (Ibid, p. 22) Trata-se de uma classificação mais genérica, como narração, descrição, exposição, argumentação e injunção, que constituem um número finito na língua.

Já os gêneros textuais são definidos pelo autor como “realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas.” (Ibid, p. 23) Ao contrário dos tipos textuais, os gêneros “constituem textos *empiricamente realizados* (...) determinados pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função” (Ibid, p. 23, grifos nossos), constituindo, como endossam os PCNs, um conjunto bastante expressivo de modos possíveis de se dar forma aos textos. É por isso que, em sua concepção, o trabalho com a língua deve se pautar pela exploração dos gêneros textuais, já que a opção pelo tipo textual visa ao desenvolvimento de um número mais restrito de habilidades.

2. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA ADOTADA

O estudo aqui relatado congregou pesquisa teórica e documental. A pesquisa teórica apoiou-se, principalmente, em Bakhtin (1997), em Marcuschi (2002) e em Meurer e Motta-Roth (2002). Além desses autores, recorreu-se ainda aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), documento oficial que propõe algumas diretrizes para o trabalho com a língua portuguesa em âmbito nacional.

A pesquisa documental consistiu na análise de manuais didáticos editados após a publicação dos PCNs. Obviamente, não foi possível analisar todas as obras disponíveis no mercado, o que obrigou a uma seleção, para efeito de amostragem. Foi necessário, portanto, estabelecer alguns critérios para tal seleção. O primeiro deles foi o argumento de autoridade, isto é, a obra foi selecionada tomando por parâmetro a sua autoria. Nesse sentido, seu (sua) autor(a) deveria ter um conhecimento de teorias linguísticas. Visando a atender tal critério, optou-se por analisar a obra de SOARES, Magda intitulada *Uma proposta para o letramento* (São Paulo: Moderna, 2000), por ser essa autora, além de linguista e experiente educadora, uma das pioneiras na utilização dos termos alfabetização e letramento, defendendo-se a necessidade de a escola transcender o âmbito da mera alfabetização.

O critério de seleção da segunda obra foi o seguinte: buscou-se analisar um manual que fosse recomendado pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático. Tal análise teve por função verificar a coerência dos órgãos governamentais entre aquilo que propõem como diretriz a ser seguida e aquilo que recomendam, ou pelo menos endossam, para atender a tal diretriz. A obra selecionada segundo esse critério foi de CEREJA, Willian Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar, intitulada *Português: Linguagens* (São Paulo: Atual, 2002).

O critério de seleção da terceira obra foi o número de escolas que a adotam, pois se pretendeu verificar a adequação de um manual que fosse utilizado por um número representativo de alunos e de docentes. Assim, inicialmente foi feito um contato com as escolas de primeira a quarta série do ensino fundamental da cidade de Patos de Minas-MG, local onde a pesquisa foi realizada, para verificar qual manual didático de língua portuguesa era por elas adotado. Dentre todas as obras mencionadas, foi analisada aquela adotada pelo maior número de escolas: BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabella. *Porta Aberta*. São Paulo: FTD, 2001.

As três obras selecionadas foram analisadas exclusivamente com vistas a verificar a (in)existência da diversidade textual, bem como a forma como foi proposto o trabalho com os gêneros textuais, julgando-se a sua adequação para a proficiência leitora e para a função modelizadora para a produção textual. Isso feito individualmente, procedeu-se a uma comparação entre as três obras, com o intuito de se verificar a existência de alguma diferença de cunho qualitativo entre elas ou de se constatar que os manuais didáticos – mesmo aqueles escritos por pessoas que possuem uma sustentação linguística – usam o gênero textual como pretexto para o ensino da língua. Os resultados obtidos, bem como as reflexões alcançadas constituem o cerne da próxima seção.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de proceder à análise e à discussão dos dados, cumpre esclarecer que, dada a exiguidade de espaço, serão discutidos e exemplificados no âmbito desse artigo somente alguns gêneros, especialmente aqueles que tiveram a maior recorrência nas obras e que apresentaram, segundo a análise empreendida, impropriedade de exploração para os objetivos propostos.

3.1. ANÁLISE DA OBRA DE SOARES, MAGDA. UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO. SÃO PAULO: MODERNA, 2000

A obra analisada é relativamente vasta, contendo 199 páginas. Do ponto de vista de sua organização, encontra-se dividida em quatro unidades. A análise contemplou três aspectos principais, a saber: (1) o tipo de gênero textual explorado, computando-se sua ocorrência em porcentagem na obra, (2) a recorrência desse gênero na obra e (3) a adequação das atividades propostas em relação ao trabalho com o gênero textual, buscando verificar se estas favorecem a incorporação da sua funcionalidade, bem como de sua estrutura.

A análise empreendida permitiu identificar que o livro possui uma vasta diversidade textual, o que vem ao encontro da proposta dos PCNs de Língua Portuguesa (1997), quando estes enumeram “a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática da leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes”. (BRASIL/MEC, 1997, p. 55).

Apesar de se identificar a presença de uma relativa diversidade textual neste livro didático, constatou-se que tal ocorrência, na maioria das vezes, não é explorada de forma a cumprir a propalada função modelizadora, principalmente no tocante às características e funcionalidades do gênero. A obra contemplou vários gêneros textuais, inclusive aqueles não meramente escolares, o que é, também segundo os PCNs, uma necessidade para a proficiência linguística.

O gênero mais recorrente na obra foram as notícias, presentes em todas as unidades e perfazendo um total de 29% do total de gêneros contemplados. Essa recorrência na obra é, sem dúvida, um dos fatores importantes para a sistematização por parte do aluno, pois a frequência do uso é preponderante para a aquisição. As atividades, contudo, em sua maioria, não são ade-

quadas para a apreensão do gênero, já que não exploram sua funcionalidade nem sua estrutura, conforme ilustra este exemplo:

Procure, com seu professor e seus colegas, a resposta para cada pergunta abaixo. Volte à notícia para encontrar a informação e anote a resposta na linha diante de cada pergunta:

- a- Em que revista foi publicada esta notícia?
- b- Em que ano foi publicada a notícia?
- c- O que o cachorro sabe fazer?

(SOARES, 2000, p. 117)

A forma como a atividade foi abordada permitia a exploração dos aspectos estruturais do gênero, como a identificação do fato, a data em que ocorreu, o local, as pessoas envolvidas. Contudo, como se percebe, isso não foi realizado, restringindo-se ao suporte da notícia e a seu ano de publicação. Esses aspectos da perigrafia textual são, indubitavelmente, importantes, mas não suficientes.

Para a mesma notícia foram propostas ainda as seguintes atividades:

3- Quais das notícias abaixo você acha que poderiam ser publicadas numa revista?

Pinte os quadrinhos.

Notícia sobre um cachorro que late para pessoas que não conhece.

Notícia sobre um cachorro que sabe dançar samba.

Notícia sobre um cachorro que corre atrás de gatos.

Notícia sobre um cachorro que sabe chupar picolé.

4- Dê exemplo de uma notícia sobre cachorro que **não** sairia publicada em revistas.

Um cachorro que sabe _____

(Ibid, p. 119)

Diante das atividades apresentadas, observa-se uma menção ao gênero, só que de forma não sistematizada, relegando-se ao professor tal tarefa. Além disso, não existe nenhuma questão que discute o *para que* da notícia, ou seja, a sua funcionalidade.

Em se tratando do gênero poema (13% dos gêneros explorados), pode-se considerar que o trabalho pro-

posto é parcialmente adequado, ainda assim porque a autora traz uma orientação para o professor, alertando-o para o fato de “que é importante que o primeiro contato da criança com o texto poético seja ouvindo-o, pois o ritmo, a sonoridade, a musicalidade são fundamentais nesse tipo de texto” (Ibid, p. 8). Vê-se que, mais uma vez, delega-se ao professor a tarefa de sistematizar com os alunos as características do gênero.

As tirinhas (7% de ocorrência) também são trabalhadas de forma inadequada, pois são usadas como meros pretextos para explorar questões ortográficas ou gramaticais, como se constata nesta atividade:

- 1- Cebolinha, quando fala, troca o r pelo l. Se ele não fizesse essa troca, como estaria escrito no balão?
“ Ô Cascão! Não vai _____ a _____?”
“ Mas o sinal tá _____! “ ...
 - 2-Escreva o contrário de verde:
Fruta verde fruta _____
Sinal verde sinal _____
- (Ibid, p. 80)

No tocante à questão do gênero, o manual traz apenas um alerta para o professor, para que ele oriente os alunos quanto à estrutura da tirinha no que tange à organização do diálogo, desconsiderando-se outros aspectos composicionais e funcionais do gênero e que são imprescindíveis para a sua apreensão.

Contrariamente aos gêneros anteriormente analisados, os contos (também 7% dos gêneros contemplados) são explorados de forma mais adequada, pois se propõe que o aluno explore as características do gênero: em uma atividade, pede-se que o leitor compare o conto com a tirinha e analise o que eles têm em comum. A partir disso, há uma orientação para que o professor fique atento às respostas dos alunos e trabalhe com eles as características dos gêneros apresentados. O trabalho mais sistematizado com gênero é, como se vê, relegado ao professor, que é advertido em forma de orientações pela autora do manual. Contudo, como os professores das séries iniciais, em sua maioria, não dispõem de uma for-

mação linguística que os habilite a esse exercício, o trabalho com o gênero fica relegado à “terra de ninguém”, acabando por não cumprir a sua função de contribuir para a melhoria da proficiência linguística.

Diante da análise apresentada, percebe-se que, na obra em questão, são poucas as atividades que dão subsídio para que o leitor explore as características e a funcionalidade dos gêneros. Estes estão presentes na obra de forma bastante diversificada, mas, comprovando a hipótese aventada, na maioria das vezes, não são explorados de modo a capacitar o aluno para empregá-los em situações reais de uso linguístico, sendo apenas pretextos para a leitura, a produção de textos e a análise linguística.

3.2. ANÁLISE DA OBRA DE CEREJA, WILLIAN ROBERTO; MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. *PORTUGUÊS: LINGUAGENS. SÃO PAULO: ATUAL, 2002.*

A obra analisada é composta de quatro unidades, contendo cada uma delas quatro capítulos, num total de 224 páginas.

O gênero de texto mais recorrente, reincidindo em todas as unidades, foram os poemas (41%). Estes foram explorados de forma adequada para auxiliar na incorporação da sua estrutura e de seus aspectos discursivos, pois a autoria do livro, na maioria das vezes, pede que o aluno leia o poema prestando atenção na sonoridade, na forma como este está organizado e o compara com outros gêneros. Com isso, percebe-se que as atividades, em sua maioria, exploram as características e a funcionalidade do gênero, conforme se comprova nas atividades a seguir, em que os autores propõem o cotejo entre a estrutura do gênero fábula e a do gênero poema.

- 1- Observe como o texto da fábula está organizado na página. As palavras ocupam toda a linha?
- 2- O texto da fábula está dividido em partes e cada parte conta um trecho da história. Cada uma dessas partes é chamada de parágrafo. Como se indica o parágrafo? Marque com um X a resposta correta.

- Escrevendo o início do texto muito próximo da margem esquerda da folha.
- Deixando-se um pequeno espaço entre a margem esquerda da folha e o início do texto.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2002, p. 21 e 22)

1- Observe que o poema não se organiza na página como a fábula. O que você nota de diferente na organização do poema “A porta”?

2- Leia este trecho do poema:
“Eu sou feita de madeira”

A linha acima chama-se **verso**. Um poema é feito de versos. Conclua:

O que é verso?

3- Conte as linhas do poema “A porta”. Quantos versos ele tem?

4- Leia este agrupamento de versos:

“Eu sou feita de madeira

Madeira matéria morta

Não há coisa no mundo

Mais viva do que uma porta.”

Os versos acima formam uma **estrofe**. Conclua: O que é estrofe?

5- As estrofes são separadas umas das outras por um espaço em branco. Quantas estrofes tem o poema “A porta”?

(Ibid, p. 22 e 23)

Diante das atividades selecionadas, percebe-se que o tratamento dado aos gêneros textuais leva o aluno a explorar suas características, o que o auxiliará, caso venha a produzi-los. Há de se ressaltar, contudo, que os gêneros explorados não são, necessariamente, gêneros que o aluno precisa produzir socialmente, pois pertencem à esfera literária.

Em se tratando de outros gêneros, constatou-se que, como na obra anterior, as atividades mostram-se inadequadas para o tratamento da questão. Mais uma vez, as tirinhas (13%) são meros pretextos para exploração de questões ligadas à ortografia e à reflexão linguística. Em uma das atividades propostas para o gênero (cf. CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 100), pede-se que o aluno leia uma tirinha de Ziraldo, que apresenta uma palavra repetida três vezes com sentido diverso em cada ocorrência, e, em seguida, identifique o sentido de cada contexto.

Outro gênero cuja exploração se mostrou adequada é a reportagem (6%). Os textos começam orientando o leitor para que preste bastante atenção às informações presentes. Logo após, as questões solicitam que ele explique por que se trata de um texto informativo, explorando também suas características e as informações nele contidas (cf. CEREJA; MAGALHÃES, 2002, p. 179-181).

De acordo com a análise realizada, pode-se afirmar que, nesta obra, as atividades propostas para o trabalho com os gêneros textuais selecionados pelos autores são parcialmente adequadas para subsidiar a proficiência linguística, verificando-se uma maior adequação nos textos literários que, normalmente, não são textos produzidos no cotidiano.

3.3. ANÁLISE DA OBRA DE BRAGANÇA, ANGIOLINA; CARPANEDA, ISABELLA. *PORTA ABERTA*. SÃO PAULO: FTD, 2001.

A terceira e última obra analisada é também relativamente vasta, contendo 223 páginas e sendo dividida em 16 unidades. Em cada unidade, explora-se apenas um texto, diferentemente das duas obras anteriormente analisadas. Ainda assim, percebe-se uma vasta diversidade de gêneros: entrevista, fábula, leitura de imagens, parlenda, bilhete, acróstico, folhetos, anúncios, poema, legendas, convite, contos, entre outros. Tal diversidade, porém, não assegura qualidade, já que as atividades propostas, em sua maioria, não exploram a estrutura, tampouco a funcionalidade dos gêneros. O livro se restringe a apresentar orientações para o professor, fazendo dele o grande mediador entre as atividades e o aluno na sistematização de questões referentes ao gênero, aspecto que, pelos motivos de deficiência de formação já expostos, compromete a eficácia.

Os gêneros entrevista e acróstico figuram no livro apenas na prática da produção de texto. Assim, o professor deve novamente mediar, orientando os alunos antes

de eles começarem a produção. Vê-se, com isso, que a leitura não é explorada de forma a cumprir a função modelizadora que lhe é delegada nos PCNs, já que o aluno é solicitado a produzir um texto sem antes tê-lo lido e explorado, de forma a apreender suas características.

Apenas os gêneros bilhete e convite, bastante familiares por recorrerem na esfera social da criança, apresentam atividades que exploram as características e a função do gênero. O livro traz o texto e, logo em seguida, apresenta uma definição sobre o gênero a que pertence. Observe a atividade referente ao gênero bilhete:

Escreva o nome:

- a- de quem escreveu o bilhete:
- b- da pessoa para quem foi escrito o bilhete:
- c- Por que a tia escreveu o bilhete?²

(BRAGANÇA; CARPANEDA, 2001, p. 68)

Na exploração do gênero convite, também se percebe uma preocupação com o conteúdo composicional do gênero, embora não se discuta seu aspecto funcional:

1- Responda:

- a- Que tipo de texto é esse?
- b- Para que serve esse convite?
- c- Quem é o dono da festa?
- d- Quem é o convidado?
- e- Na sua opinião, faz alguma diferença se o aniversariante se esquecer de colocar a data, a horário e o local da festa? Por quê?
- f- Onde foram usadas letras iniciais maiúsculas?

(Ibid, p. 198)

3.4. ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS ANALISADAS

Diante das análises empreendidas, constatou-se haver, nos manuais didáticos estudados, uma diversidade textual que se empobrece sob a perspectiva didática frente à incipiência de atividades que exploram as características e a funcionalidade do gênero. Isso demonstra que a proposta de trabalho com o gênero textual ainda não foi bem entendida nem pelos autores de livros didá-

ticos, nem pelos professores, que, na maioria das vezes, usam-no como único instrumento pedagógico, investindo-o de um caráter dogmático.

Os resultados advindos da análise das obras demonstraram ainda que existe, nas obras pesquisadas, um meio termo, já que alguns gêneros são explorados de forma a preparar o aluno para deles fazer uso de forma efetiva, enquanto outros são apenas panos de fundo para o desenvolvimento de outras atividades. Além disso, verificou-se uma diversidade de adequação das obras analisadas. A primeira delas, selecionada pela autoridade da autoria, é parcialmente adequada no que tange ao trabalho com os gêneros, se comparada à segunda obra, recomendada pelo MEC, cujas atividades se mostraram mais pertinentes para o desenvolvimento da proficiência linguística. Com isso, pôde-se observar que o Ministério da Educação recomenda um livro que endossa a proposta do material de referência que publica. Já a terceira obra, mesmo sendo a mais utilizada nas escolas de Patos de Minas, mostra-se pouco adequada para favorecer uma aprendizagem significativa para o aluno, pois os gêneros, em sua maioria, foram incorporados ao material didático, mas estão sendo explorados para outros fins.

Nas três obras analisadas, constatou-se que o professor é o grande mediador entre o livro e o aluno, sendo ele, na maioria das vezes, o único responsável por sistematizar não só as características, como também a funcionalidade do gênero. Partindo-se do princípio de que muitos professores não possuem uma formação linguística sólida que os habilite para o exercício de tal tarefa de forma segura, há de se considerar a possibilidade de o trabalho com o gênero não se realizar a contento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem discutido sobre a importância de se trabalhar com a diversidade de gêneros textuais em sala de aula. Dada a relevância do assunto, este trabalho se

dedicou a estudar o tema em manuais didáticos das séries iniciais do ensino fundamental, partindo da hipótese de que tal diversidade foi incorporada às obras editadas pós-PCNs, mas que a forma como os gêneros são explorados nas referidas obras não favorece o desenvolvimento da proficiência linguística, já que não se exploram suas características e funcionalidades, tal como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

Tal hipótese foi parcialmente comprovada, já que alguns gêneros, especialmente aqueles mais familiares, são explorados de forma adequada a cumprir uma função modelizadora na escrita. Esse resultado sinaliza para a necessidade de se repensar a prática docente com vistas a tornar o aluno proficiente tanto na leitura, quanto na escrita dos diversos gêneros que circulam socialmente, já que os manuais didáticos, mesmo aqueles que prometem na capa atender ao recomendado pelos materiais de referência para o professor, não se mostram integralmente apropriados para assegurar a proficiência linguística.

Apesar de a análise aqui empreendida ter se limitado a apenas três obras, espera-se que as generalizações alcançadas suscitem no professor algumas reflexões acerca da necessidade de se empreender um trabalho mais crítico e menos dogmático frente ao material didático que lhe é disponibilizado. Caso isso seja alcançado, o trabalho terá cumprido seu objetivo.

NOTAS

- 1 Tal como consta no referido documento (cf. nota da página 26), a noção de gênero que o permeia é a mesma proposta por Bakhtin e desenvolvida por Bronckart e Schneuwly.
- 2 Depois desta atividade, pede-se aos alunos que produzam um bilhete. No caso desse gênero, a leitura e a exploração do gênero precederam a produção escrita. Isso parece incoerente se comparado aos gêneros entrevista e acróstico, que são gêneros menos familiares à criança que o bilhete.

ANALYSIS OF THE FUNCTIONAL DEGREE THAT WAS MADE WITH THE TEXTUAL GENRES IN TEXTBOOKS FROM THE FIRST TO THE FOURTH GRADES OF THE ELEMENTARY TEACHING

Abstract

The construction of inherent knowledge to the reading, to the understanding and the production of texts requires from the speakers the development of certain abilities and the construction of their communicative competence. The reference works for the teacher show that the construction of a satisfactory communicative competence comes from an effective and systematized work with the textual genres, aspect that this article intends to analyze and discuss. The starting point was the comparison among three textbooks from the first to the fourth grades of the elementary teaching. The research analyzed the work that was made with the textual genre, verifying its adequacy to form a proficient reader. The collected data demonstrated that the textbooks, in general, use the textual genre as an excuse for the work with the language, without exploring its characteristics and functionality which are essential aspects for the proficiency in the reading and in the writing processes.

Key words: Textual genres. Teaching books. Teaching.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabella. *Porta Aberta*. São Paulo: FTD, 2001.
- BRASIL/MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: ensino de primeira a quarta série*. Brasília: 1997.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. São Paulo: Atual, 2002.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru, SP : EDUSC, 2002. (Coleção Signum)

SOARES, Magda da. *Uma proposta para o letramento*. São Paulo: Moderna, 2000

Enviado em 10 de novembro de 2008

Aprovado em 25 de janeiro de 2009